



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

**O VELHO E O NOVO NO ENSINO DE GRAMÁTICA:
APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE GRAMÁTICAS
NORMATIVAS E UM LIVRO DIDÁTICO**

Filipe Santos Guerra
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: filipe.guerra16@gmail.com

Maíra Avelar
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: avelarmaira@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nossa sociedade perpetua a cultura letrada, (a)condicionando-a e apregoando-a espontaneamente. Assim, vemos exceler a hegemonia da variedade linguística “padrão”. Esta, tida como um modelo a ser reproduzido, é sempre associada à escrita e à tradição gramatical, já que é arrolada/minudenciada nos dicionários, sendo o vetor genuíno de uma identidade nacional/tradição cultural. O prestígio social destinado aos usuários do “bem falar/bem escrever” remonta séculos passados, nos quais a gramática normativa ocupava seu lugar proeminente, permanecendo esta, ainda, em evidência, sendo cobrada nas instituições públicas e privadas de ensino com a mesma veemência, e nos exames nacionais de avaliação, concursos públicos, entre outras situações que visam selecionar indivíduos através da avaliação de seus “erros” e “acertos” referentes ao uso da linguagem. Diante do exposto, faz-se necessário analisar como questões gramaticais vêm sendo tratadas no âmbito da educação básica. Assim, neste trabalho, pretendemos fazer uma comparação entre o que é postulado pelas Gramáticas Pedagógicas, de caráter normativo, e pelos livros didáticos utilizados pelo sistema educacional brasileiro.

METODOLOGIA

Para realizar o trabalho, selecionamos duas gramáticas prescritivas (a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha & Lindley Cintra, e a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara), e um livro didático (*Português: literatura, gramática, produção de texto*, de Leila Louar Sarmiento e Douglas Tufano). Fizemos um recorte, devido a quantidade de temas abarcados pelos referidos materiais,



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

e elegemos um único tópico para analisarmos: o período composto por coordenação.

VISÃO GERAL DAS GRAMÁTICAS

Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha & Cintra:

De acordo com Vieira (2018), a primeira grande referência normativa da Língua Portuguesa (LP), nos dias hodiernos, é a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de autoria de Celso Ferreira da Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra. Em geral, os autores seguem a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e, conseqüentemente, a rigidez normativa da tradição gramatical do século XX, ainda que não desertem a diversidade da lusofonia. Para Vieira (2018), os gramáticos em questão fazem um importante trabalho de inserção de elementos, na descrição da LP, que eram deixados de lado pelos projetos gramaticográficos anteriores, reconhecendo, por exemplo, a diversidade de registros, mas, ainda assim, o real papel da gramática segue sendo a legitimação e prescrição da “norma culta”. Vale ressaltar que, como aponta Vieira (2018), o sustentáculo terminológico/epistemológico dos referidos autores, é embasado, também, em teorias linguísticas atuais, a exemplo da Sociolinguística. Entretanto, a noção de língua homogênea, abstrata e ideal é a que permanece na obra.

Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara:

No século XX, a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Bechara, por contribuir no suprimento das necessidades normativas e (meta)linguísticas de docentes, discentes e estudiosos da LP, se consolidou como uma obra de referência. A partir dos elementos pré-textuais da *Moderna Gramática Portuguesa*, conforme Vieira (2018), é perceptível a implantação de um lugar de conflito entre a velha tradição gramatical e as novas perspectivas linguísticas. Costa (2012), citado por Vieira (2018), elucida que Bechara (1961) mostra uma concepção de língua enquanto objeto apartado do sujeito, sendo esta a razão que justifica a intervenção dele sobre a língua. Essa concepção alimenta um imaginário de língua homogênea e viabiliza a ideia da “unidade linguística luso-brasileira”. Mesmo sendo adepto às teorias descritivas da Linguística, Bechara continua dando relevância à normatividade da gramática. Assim, consoante Vieira (2018), a *Moderna Gramática Portuguesa* é, do ponto de vista teórico/prático, incongruente, não conseguindo atender bem nem ao leitor comum nem ao linguista, continuando a ser uma



gramática associada à tradição de gramatização luso-brasileira e à NGB.

VISÃO GERAL DO LIVRO DIDÁTICO

De acordo com os próprios autores do livro, Sarmiento e Tufano (2010), o objetivo da obra deles, *Português: literatura, gramática, produção de texto*, direcionada a discentes do terceiro ano do Ensino Médio, é o de contribuir para que os alunos se tornem leitores e produtores de textos conscientes e críticos. Tendo esse escopo em vista, os autores prometem oferecer uma considerável quantidade de textos acompanhados de atividades variadas, sendo elas individuais e/ou em grupo.

O PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO NOS DIFERENTES MATERIAIS PEDAGÓGICOS

Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha & Cintra (2001):

O período composto por coordenação, na gramática de Cunha & Cintra, é tratado em um capítulo dedicado às conjunções. Inicialmente, os autores definem-nas como “[...] vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. [...]” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 579). Após isso, eles separam em dois os tipos de conjunção: coordenativa e subordinativa, salientando que “[...] as conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS.” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 579) e trazendo exemplos para explicar ao leitor a diferença entre os dois tipos de conjunção. Em seguida, os autores tratam das conjunções coordenativas, dividindo-as em cinco tipos, a saber: aditivas; adversativas; alternativas; conclusivas; explicativas. Além disso, a gramática abarca, ainda, a posição das conjunções coordenativas dentro das orações e os valores particulares de algumas conjunções, tais como o “e”, que pode ter valor adversativo, expressar uma finalidade etc.

Moderna Gramática Portuguesa, de Bechara (2009):

O período composto por coordenação, na gramática de Bechara, é tratado em um capítulo dedicado às conjunções. Inicialmente, o autor traz o conceito do termo, salientando que “[...] a língua possui unidades que têm por missão reunir orações num



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

mesmo enunciado.” (BECHARA, 2009, p. 319). Em seguida, o autor divide as conjunções em dois tipos, quais sejam, coordenadas e subordinadas, e afirma que “As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados” (BECHARA, 2009, p. 319). O gramático traz vários exemplos para diferenciar as conjunções coordenadas das subordinadas. Após isso, o autor trata das conjunções coordenativas, dividindo-as em três tipos, a saber: aditivas; alternativas; adversativas. Além disso, a gramática elenca, ainda, o que o autor chama de “unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas”. Para Bechara, a tradição gramatical, influenciada pelo aspecto de alguma proximidade de equivalência semântica, tem incluído certos advérbios, os quais estabelecem relações interacionais ou intertextuais, entre as conjunções coordenativas, como, por exemplo, *pois*, *logo*, *entretanto*, etc. Desse modo, para a tradição gramatical, existiriam, além dos três tipos de conjunção citados por Bechara, mais dois, a saber: conjunções explicativas e conjunções conclusivas. Para ele, que ratifica seu pensamento através da gramaticografia da LP, esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas.

Português: literatura, gramática, produção de texto, de Sarmento e Tufano (2010):

O período composto por coordenação, no livro de Sarmento e Tufano, é tratado em um capítulo dedicado ao tema. Inicialmente, é apresentado um texto e, posteriormente, uma atividade de interpretação de texto, a qual introduz os termos “orações coordenadas assindéticas” e “orações coordenadas sindéticas”. Em seguida, um quadro é apresentado e os conceitos de “período simples”, “período composto”, “período composto por coordenação”, “orações coordenadas”, “orações coordenadas assindéticas” e “orações coordenadas sindéticas” são sintetizados. Após isso, os autores sistematizam as orações coordenadas sindéticas em cinco tipos, a saber: aditivas; adversativas; alternativas; conclusivas; explicativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi visto que as gramáticas normativas observadas seguiram uma estrutura parecida para apresentar o tema em questão. Muito provavelmente isso se deve ao fato de que as gramáticas tendem a seguir características composicionais, temáticas e



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

estilísticas semelhantes, uma vez que pertencem ao mesmo gênero textual. Tanto Cunha & Cintra (2001) quanto Bechara (2009) tratam do período composto por coordenação na seção de “conjunções” e todos eles as sistematizam em vários tipos. A principal diferença entre as duas gramáticas reside justamente nessa sistematização: enquanto os primeiros postulam a existência de cinco tipos de conjunções, o último, influenciado pela gramaticografia da LP, divide-as em três tipos, apenas, por considerar que a tradição gramatical se equivoca quando toma advérbios como conjunções. Já Sarmento e Tufano (2010), em seu livro, seguem a estrutura retórica básica do gênero textual/suporte no qual estão enunciando, trazendo o assunto de forma mais sintética e lúdica, com exemplos e atividades de fixação para reforçar o conteúdo. Os autores seguem os postulados da tradição gramatical e sistematizam as conjunções em cinco tipos, assim como fazem Cunha & Cintra (2001), o que mostra e ratifica a influência da NGB e das Gramáticas Normativas nas matrizes curriculares e ementas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter em vista a importância do uso da linguagem, principalmente no que diz respeito à norma culta e, conseqüentemente, à escrita, como ferramenta para a construção e ascensão do indivíduo enquanto sujeito pertencente a uma comunidade, considerando a nítida capacidade que a linguagem possui para viabilizar ou bloquear o acesso ao poder, a tradição gramatical parece pensar numa língua ideal para falantes ideais que vivem numa sociedade ideal, e isso é cobrado nas escolas, o que gera um problema, uma vez que aquilo que a nomenclatura oficial omite é automaticamente omitido das grades curriculares, como se não existisse, e isso impede o discente de ter uma visão mais holística de sua própria língua.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Básica; Ensino de Gramática; Tradição Gramatical.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Ver., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SARMENTO, Leila Lauer; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática,**



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

produção de texto. 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2010.

VIEIRA, Francisco Eduardo. **A gramática tradicional: História Crítica.** 1.ed. – São Paulo: Parábola, 2018.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO